



O DESIGN DE CAPAS DE LIVROS INFANTIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA REFORÇAR A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Manoela de Oliveira Zabotti¹

Vanessa Wendhausen Lima²

Rafael Hoffmann Maurilio³

Resumo: Este artigo apresenta a metodologia e os resultados de uma pesquisa de campo realizada junto a crianças de nove a dez anos em uma escola pública e uma particular, da cidade de Tubarão/SC, visando identificar como o design de livros infantis pode influenciar na construção de estereótipos de gênero por meio de aspectos da linguagem visual, como cores e formas. A fim de contribuir para a atuação do designer gráfico no desenvolvimento de livros infantis, exercendo seu papel social, sem a discriminação de estereótipos de gênero. Como base para o desenvolvimento do projeto, foram realizadas pesquisas de fundamentação teórica, abordando-se temas como o design gráfico e seu papel social, as relações de gênero como construção social, o desenvolvimento infantil e a relação com os livros, e os aspectos da linguagem visual aplicado ao design de livros, como cores e formas. Como resultado foi possível observar de que forma o design pode contribuir e reforçar a construção de estereótipos de gênero por meio do design de livros infantis, além de outros fatores relacionados a essa construção.

Palavras-chave: Design Social; Estereótipos de Gênero; Livros Infantis.

1 INTRODUÇÃO

O design gráfico tem como uma de suas principais funções transmitir ideias por meio de elementos visuais. De acordo com Villas-Boas (2007), peças de design gráfico são todos os projetos que têm como finalidade comunicar uma dada mensagem para persuadir o observador, guiar sua leitura ou vender um produto por meio de elementos visuais (textuais ou não). Entretanto, a interdisciplinaridade do design gráfico permite que atenda a diversas necessidades, culturas, olhares, assuntos e públicos, por meio de sua capacidade de produção de significados.

Nesse sentido, o design gráfico possui um caráter essencialmente social em todas as suas esferas de trabalho, cujas soluções são produtos de aspirações

¹ Graduada em Design Gráfico, Faculdade SATC. E-mail: manuzabotti@gmail.com

² Professora da Faculdade SATC. E-mail: vanessa.lima@satc.edu.br

³ Professoro da Faculdade SATC. E-mail: rafael.maurilio@satc.edu.br



sociais de diferentes escalas: políticas, econômicas e culturais. Dessa forma, o design gráfico pode utilizar de sua função social para aplicar seu conhecimento no campo da comercialização de produtos de consumo, atuando na circulação de informação e comunicação visual em temas relevantes para a sociedade, contribuindo para transformações sociais (BRAGA, 2011). Desse modo, a fim de investigar a função social do design gráfico, o presente trabalho surgiu com o intuito de entender como o desenvolvimento de livros infantis pode contribuir para reforçar os estereótipos de gênero por meio dos aspectos da linguagem visual, como as cores e formas.

A igualdade de gênero é considerada uma das bases para a construção de uma sociedade livre de preconceitos e discriminações. No entanto, a desigualdade entre homens e mulheres tem sido significativa, principalmente quanto às diferenças de salários, presença no mercado de trabalho, representatividade política e violência (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Para Connell e Pearse (2015), esse cenário é consequência dos conceitos equivocados de gênero – feminino e masculino – que se apresentam como formações sociais, e não como condições predeterminadas. Segundo as autoras, o gênero deve ser entendido como uma estrutura social, pois não é uma expressão biológica, e sim um padrão de arranjos sociais cujas atividades do cotidiano são formatadas por ele (CONNELL; PEARSE, 2015).

Portanto, pretende-se observar de que maneira o design pode atuar como ferramenta de influência social, principalmente no desenvolvimento de livros para crianças, não somente por elas fazerem parte dos potenciais agentes transformadores sociais do futuro, mas por sofrerem com as expectativas sociais que lhes recaem quanto às questões de gênero e comportamentos sociais.

Partindo da relevância dessa discussão e a importância da função social do design, o presente trabalho pretende responder à seguinte questão: Como o design de livros infantis pode contribuir para reforçar a construção de estereótipos de gênero?

Dessa forma, o objetivo geral é identificar como o design de livros infantis pode reforçar a construção de estereótipos de gênero para o público infantil, por meio de aspectos da linguagem visual, como cores e formas, além de observar a percepção das crianças diante desses produtos. Para isso, será necessário caracterizar o papel social do design gráfico, apresentar os conceitos de construção de gênero, investigar os estágios de aprendizagem das crianças, além de explorar o design de livros e os aspectos da linguagem visual, como cores e formas.



2 O DESIGN GRÁFICO E SEU PAPEL SOCIAL

Uma das principais funções do design gráfico é gerir a informação visual, por meio de técnicas e ferramentas ao seu alcance, com o objetivo de transmitir um determinado conceito ou mensagem. Dessa forma, o objetivo do designer é, por meio de seus produtos comunicacionais, afetar o conhecimento, as atitudes, as opiniões e o comportamento das pessoas (FRASCARA, 2000).

Neste artigo, o design gráfico será abordado em seu aspecto social, como uma “ferramenta de questionamento e mobilização social, dedicado à difusão de ideologias e à busca de melhoria social” (NEVES, 2011, p. 45). A atuação social do design gráfico surge como um recurso para disseminar mensagens que possam acrescentar em seus espectadores conhecimento e informações relevantes, como um exercício de cidadania e responsabilidade com a profissão.

Mas o que seria um designer socialmente responsável? O autor Stephen J. Eskilson, em seu livro *Graphic Design: A New History*, define o “designer-cidadão” como “um profissional que tenta tratar de questões sociais, quer através ou além de seu trabalho comercial” (2007, p. 417). Sendo esse profissional, o responsável por aperfeiçoar e difundir o papel do design e confrontando os problemas mais urgentes da sociedade contemporânea.

Portanto, é possível afirmar que o design não deixa de ser uma manifestação da situação social, política e econômica. Ou seja, estabelece uma relação para além da produção para a sociedade e sim evolui junto com ela, sendo impossível dissociar seu aspecto comunitário de sua atuação profissional.

3 RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Para compreensão desta pesquisa, considera-se pertinente partir da discussão das diferenças entre gênero e sexo, sendo esses termos muitas vezes confundidos. De acordo com Miranda (2008), sexo é um termo biológico, referente às características genéticas e fisiológicas que diferenciam homens e mulheres, e o gênero, por sua vez, está relacionado a uma identidade baseada em valores, comportamentos e atitudes que a sociedade considera apropriados em função do sexo biológico (MIRANDA, 2008).

Para Rabelo (2010, p. 161-162), gênero é definido como:



Uma construção social de atributos diferentes a homens e mulheres efetivada durante toda a vida, o que acaba por determinar as relações entre os sexos em vários aspectos. O uso deste termo visa, assim, sublinhar o caráter social das distinções fundadas sobre o sexo e a rejeição do uso da palavra sexo que, etimologicamente, se refere à condição orgânica que distingue o macho da fêmea, enquanto que a palavra gênero se refere ao código de conduta que rege a organização social das relações entre homens e mulheres.

Partindo da premissa de gênero como uma construção social, entende-se a infância como sendo o berço dessa construção. Desde cedo, a criança é influenciada por estereótipos sociais, a viver em função da realidade de gênero, respondendo socialmente aos estímulos femininos ou masculinos e, por consequência, reproduzindo-os. Estímulos esses que vêm dos meios mais próximos como a família e a escola, principalmente (MARCHÃO; BENTO, 2012).

Considerando o gênero como uma construção social, será abordada neste artigo sua influência no universo infantil, no qual reside o foco desta pesquisa. De acordo com Cardona et al (2015, p. 20), “o gênero é uma das primeiras categorias que a criança aprende, fato que exerce uma influência marcante na organização do seu mundo social e na forma como se avalia a si própria e como percebe as pessoas que a rodeiam”.

É na infância que a criança adquire e desenvolve comportamentos de gênero, na tentativa de se enquadrar nos estereótipos existentes no meio em que vive, sempre diferenciando entre masculino e feminino. Ainda de acordo com Cardona et al (2015), algumas pesquisas em psicologia têm mostrado que as crianças iniciam o processo de desenvolvimento relativo ao gênero, antes mesmo de terem consciência do seu sexo, ou seja, dos seus órgãos genitais.

O conceito de estereótipo “consiste na generalização e atribuição de valor (na maioria das vezes negativo) a algumas características de um grupo, reduzindo-o a essas características e definindo os “lugares de poder” a serem ocupados” (CENTRO, 2009, p.24).

Nesse sentido, Lins, Machado e Escoura (2016, p. 15) explicam que:

[...] quando associamos um comportamento específico a um grupo de pessoas só porque são mulheres, homens, meninas ou meninos, estamos reproduzindo alguns estereótipos de gênero. Em outras palavras, estamos pensando que as diferenças biológicas entre pessoas do sexo feminino e do sexo masculino explicam e justificam diferenças de comportamento na sociedade. Além disso, se achamos “natural” que mulheres dirijam mal ou que homens não chorem, partimos do pressuposto de que não há diferenças entre os indivíduos do próprio grupo. Se uma mulher for uma motorista



exemplar, ela deixa de ser mulher? Se uma menina não gosta de usar batom, ela deixa de ser menina? E se um homem for sensível e emotivo, suas lágrimas o tornam menos homem?

Logo, os significados de ser homem ou mulher, menino ou menina, são resultados desses estereótipos de gênero, frutos de crenças e normas estabelecidas e compartilhadas pela sociedade. Segundo Basow (1992), os estereótipos de gênero, mais do que qualquer outro, possuem um forte poder normativo, cujas funções vão além de definir características a serem seguidas por homens ou mulheres, veiculando normas de conduta referentes aos papéis de cada um. Dessa forma, todos os indivíduos que se afastam desses papéis preestabelecidos (homens “frágeis” e mulheres “agressivas”, por exemplo), podem ser alvos de julgamentos negativos por parte da sociedade.

Ainda de acordo com a autora, o homem tende a sofrer mais repressão social, caso fuja desses padrões de comportamento, considerados adequados para o seu sexo e, como consequência, os homens têm mais propensão a reforçar sua masculinidade. Além disso, meninas que possuem comportamentos mais “moleques” na infância sofrem menos repressão da família do que meninos que possuem comportamentos “femininos”, reforçando a desvalorização social da feminilidade.

Portanto, observa-se que é na infância que essa construção se desenvolve, envolta de estereótipos culturais e sociais e, por vezes, sucedida de diferenças discriminatórias em relação ao gênero dos indivíduos. Por esse motivo, esta pesquisa pretende investigar como o design de capas de livros infantis pode influenciar na construção de estereótipos de gênero. Sendo os livros instrumentos educacionais nas mãos de famílias, educadores e todos aqueles que influenciam o comportamento de crianças.

4 A CRIANÇA, O APRENDIZADO E O LIVRO

O interesse desta pesquisa pelo público infantil se dá pelo fato de as crianças serem seres humanos em desenvolvimento, influenciadas pelos estímulos do meio em que vivem. De acordo com Daros (2013, p. 177), “a criança reflete o que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos e esse reflexo construído paulatinamente, via relações sociais, vão se tornando a realidade da criança que passa a compartilhar da mesma visão de mundo”.



Já a escolha pelos livros considera o crescimento de publicações infantis brasileiras, decorrente de vários fatores no âmbito econômico, político e cultural, como o aprimoramento das editoras, a criação de novas livrarias e a adoção do uso de livros de literatura nas escolas, além da compra de livros por programas do governo (DAROS, 2013). As obras de literatura infantil tornaram-se comuns, potencializando seu poder educativo e de transformador social.

Dessa forma, faz-se necessário conhecer os estágios de desenvolvimento cognitivo da criança e a faixa etária para aplicação da pesquisa. Para isso, será abordada a teoria de Jean Piaget, que distinguiu os estágios de desenvolvimento cognitivo infantil em quatro grandes períodos.

De acordo com Cavicchia (2010), esses estágios estão relacionados ao progresso da afetividade e da socialização da criança. São eles: estágio da inteligência sensório-motora (até, aproximadamente, os 2 anos); estágio da inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7-8 anos); estágio da inteligência operatória concreta (7-8 a 11-12 anos); e estágio da inteligência formal (a partir, aproximadamente, dos 12 anos).

Esta pesquisa concentra-se, portanto, na faixa etária de 7 a 12 anos, que corresponde ao estágio de desenvolvimento operatório concreto. Nessa etapa, a incapacidade de se colocar no lugar do outro (característica da fase anterior) dá lugar à emergência da capacidade da criança em estabelecer relações e organizar pontos de vista diferentes (próprios e de outros), e de assimilá-los de modo lógico e coerente (RAPPAPORT, 1981). É nessa fase também que as crianças têm capacidade cognitiva de formar sistemas representacionais, conhecimentos amplos e abrangentes que incorporam diferentes aspectos de sua identidade (PAPALIA, 2006).

Portanto, compreende-se que a prática da leitura na infância é fundamental tanto para seu desenvolvimento cognitivo, como para seu pensamento crítico, além de contribuir para sua formação social enquanto indivíduo.

5 A LINGUAGEM VISUAL E O DESIGN DE LIVROS INFANTIS

De acordo com Dondis (2007, p. 7), “a informação visual é o mais antigo registro da história humana”. Para o autor, o ser humano passa a organizar suas necessidades e prazeres, preferências e temores com base naquilo que vê, ou naquilo que quer ver, praticamente desde sua primeira experiência no mundo. Essa



experiência visual é fundamental no aprendizado para a compreensão do meio e as reações diante dele (DONDIS, 2007).

Portanto, para esta pesquisa, serão considerados dois elementos da linguagem visual, a cor e a forma, ambos aplicados ao design de livros infantis. A forma, por sua vez, será considerada como elemento constituinte e formador das ilustrações.

O livro tem sua história intimamente relacionada à história da humanidade, sendo a forma mais antiga de documentação, registrando o conhecimento, as ideias, as crenças e a história dos povos. No design de livros, portanto, o designer é responsável pelo projeto físico do livro, seu visual e sua forma de apresentação (HASLAM, 2007).

Os livros infantis, por sua vez, surgiram a partir do século XVII e, inicialmente, eram desenvolvidos com intuito pedagógico, sendo utilizados como instrumentos de apoio ao ensino para crianças (AZEVEDO, 2001).

Como aspecto de estudo desta pesquisa, a cor é um dos elementos que influenciam na escolha das crianças pelos livros e também seu interesse pela leitura. De acordo com Faust (apud RAMOS; WITTER, 2008), a paleta de cores ocupa um papel importante no ensino-aprendizagem da leitura, além de despertar a curiosidade da criança. Segundo Ambrose e Harris (2009, p. 11, grifo nosso):

A cor é um dos primeiros elementos que registramos quando vemos algo pela primeira vez. Nosso condicionamento e desenvolvimento cultural nos levam a realizar associações baseadas nas cores, que nos indicam como devemos reagir a objetos e designs coloridos. **As cores imprimem significado, e nossa interpretação do mesmo dependerá de fatores como bagagem cultural, tendências, idade e preferências individuais.**

Nesta pesquisa, serão explorados os aspectos sociológicos das cores. Para Farina (2006), os costumes sociais são fatores determinantes nas escolhas das cores e, dentre eles, está a diferenciação dos sexos. Dessa forma, os efeitos de sentido provocados pelas cores estão intrinsecamente relacionados a aspectos sociais, assim como as relações de gênero. Como exemplo da cor branca, que no Ocidente é signo da paz e harmonia, e no Oriente (principalmente na Índia) de tristeza e morte (FARINA, 2006).

Esses aspectos sociais podem ser observados principalmente na escolha da cor rosa para meninas e azul para meninos. Paoletti (2012) explica que foi a partir



dos anos oitenta que o rosa se impôs definitivamente na paleta de cores em milhares de produtos para meninas, não havendo outras possibilidades de escolha (PAOLETTI, 2012). Segundo a pesquisadora, não existem raízes ancestrais que justifiquem essas preferências e, tampouco razões genéticas.

Além das cores, as ilustrações também exercem um papel significativo no livro infantil. Segundo Linden (2011), as imagens têm um alcance universal e, ao longo de sua história, o livro infantil teve grandes inovações e as imagens conquistaram um espaço determinante nesse segmento.

Nesta pesquisa, as ilustrações são abordadas enquanto forma. “A forma pode ser definida como a figura ou a imagem visível do conteúdo. A forma nos informa sobre a natureza da aparência externa do objeto. Tudo o que se vê possui forma” (GOMES FILHO, 2000, p. 41).

De acordo com Dondis (2007), as formas são descritas por meio das linhas, que articulam a complexidade das formas. Desse modo, a linha é o elemento essencial do desenho, e pode assumir formas diversas para expressar uma variedade de significados: imprecisa, delicada, ondulada, nítida, grosseira, hesitante, indecisa, dentre outros (DONDIS, 2007).

Considerando a relevância da cor e das ilustrações no design de livros infantis, seus conceitos são retomados para análise dos dados obtidos na etapa de discussão dos resultados.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, pois segundo Silva e Menezes (2005), visa desenvolver conhecimentos específicos para gerar soluções para determinados problemas. Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como de campo com caráter exploratório.

Como instrumento para coleta de dados, foi utilizado o grupo focal, uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um assunto sugerido pelo pesquisador (MORGAN, 1997). O principal objetivo dessa técnica é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideais dos participantes a respeito de um determinado assunto, ou diante de um produto (DIAS, 2000).

Dessa forma, a pesquisa foi aplicada em duas escolas da cidade de Tubarão/SC, uma pública e outra particular, a fim de observar as diferenças dos



resultados influenciados por fatores sociais. As escolas escolhidas para a pesquisa são: Escola Municipal de Educação Básica Professora Maria Emília Rocha, pública, localizada no bairro Recife; e o Colégio Coração Feliz, particular, localizado no bairro Humaitá.

A pesquisa foi aplicada com 30 crianças, entre meninos e meninas, sendo 16 da escola particular e 14 da pública. A faixa etária está entre 9 e 10 anos, sendo esta, a idade média do período correspondente ao estágio da inteligência operatória concreta (7 a 12 anos) – segundo os estágios de Jean Piaget, apresentados na fundamentação desta pesquisa – no qual a criança começa a desenvolver a capacidade de raciocínio lógico, bem como a compreensão de conceitos mais complexos.

A coleta de dados com os grupos focais foi instrumentalizada por uma entrevista geral não estruturada com as turmas. Foram realizadas anotações, além da gravação do áudio de todo o processo de aplicação com as crianças. Utilizou-se como apoio seis livros infantis de cada escola, selecionados pelo responsável de cada biblioteca, considerando os mais lidos pelas crianças nesta faixa etária, que corresponde ao 4º ano do ensino fundamental. Os livros foram utilizados a fim de obter dados quanto à preferência das crianças de acordo com seu gênero. Toda a aplicação do método foi conduzida e mediada pela pesquisadora, com o intuito de obter a melhor interação entre os participantes e a pesquisa.

Na data agendada em cada escola (pública e particular), iniciou-se a aplicação com uma apresentação dos objetivos da pesquisa aos alunos, sem revelar detalhes quanto às questões de gênero, para não os influenciar em suas respostas. Procurou-se utilizar uma linguagem clara e objetiva, adequando-se ao público. Em seguida, foram apresentados os livros aos grupos de crianças, numerados de um a seis. Solicitou-se então que escolhessem um de sua preferência, individualmente, de acordo com as capas. Esta etapa contou com a ajuda de papéis e canetas, para que pudessem anotar o número escolhido, seguido de seu nome para posterior identificação dos votos de meninos e meninas, no momento de análise. Ao final da escolha foi solicitado individualmente que cada criança justificasse seu voto de acordo com as características dos livros e de suas preferências.

Outras perguntas foram realizadas para entender o contexto de cada criança frente às influências de gênero, como o tipo de livro que mais gostam (lendas, ação, aventura, quadrinhos, princesas, etc) e sua cor preferida.



Para a análise dos dados, as informações de votos foram agrupadas quantitativamente de acordo com o gênero das crianças (meninos e meninas), bem como as outras respostas, com a posterior análise das capas mais votadas e sua relação com o embasamento teórico apresentado.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

Os dados obtidos por meio da entrevista com os grupos focais serão divididos entre a escola pública (Escola Municipal de Educação Básica Prof^a Maria Emília Rocha) e a particular (Colégio Coração Feliz), para que possam ser analisados os fatores sociais nos dois contextos.

7.1 PESQUISA 1 – EMEB PROF^a MARIA EMÍLIA ROCHA

Na Escola Municipal de Educação Básica Prof^a Maria Emília Rocha, instituição pública, a aplicação da pesquisa foi realizada com 14 crianças (7 meninos e 7 meninas) de 9 a 10 anos, estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, vespertino. Este número de crianças limitou-se àqueles que foram autorizados pelos pais a participarem da pesquisa, pois a instituição solicitou autorização individual a cada aluno. A escola está localizada no bairro Recife, na cidade de Tubarão/SC, caracterizado como um dos mais carentes da cidade.

Os seis livros (Fig. 2) apresentados na pesquisa foram selecionados pela professora responsável pela biblioteca da escola, com base nos registros de locações feitas pelas crianças. Eles foram numerados de um a seis para facilitar a escolha das crianças. Como exposto na metodologia, no momento da pesquisa foi solicitado que as crianças escolhessem um livro de sua preferência de acordo com a capa, sem manuseá-los e vê-los por dentro, apenas “julgando o livro pela capa”.



Figura 1: Livros apresentados numerados de 1 a 3 (escola pública)
Fonte: Do autor

Observa-se que os livros mais escolhidos foram o número 2 – “Pérola no Parque”, com cinco votos, e o número 5 – “O livro do Rex”, com quatro votos (Tab. 1). Dentre os cinco votos para o livro 2 – “Pérola no parque”, apenas um era de menino, e este, quando questionado sobre sua escolha, disse que já havia lido e gostou da história. Foi-lhe perguntado então se haveria algum problema a capa ter coloração rosa, e curiosamente ele disse “então não quero, pensei que fosse vermelha”, os colegas riram dele, mas mesmo assim manteve seu voto.

Tabela 1: Votos das crianças separados por gênero (escola pública)

| Título do livro | Meninos | Meninas | Total |
|--|----------------|----------------|--------------|
| 1. O Coelho que fugiu da história BRETON, F.; MANJATE, R. São Paulo: Ática, 2009. | 0 | 2 | 2 |
| 2. Pérola no parque HARMER, Wendy. Curitiba: Fundamento, 2006. | 1 | 4 | 5 |
| 3. Irmã-estrela ALAIN, Mabanckou. São Paulo: Editora FTD, 2013. | 0 | 0 | 0 |
| 4. Gabi, perdi a hora BASILIO, João. Belo Horizonte: Editora LE, 2009. | 2 | 0 | 2 |
| 5. O livro do Rex ZIGG, Ivan. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. | 4 | 0 | 4 |
| 6. As regras da hora do recreio STEGGALL, Vicki. Curitiba: Fundamento, 2006. | 0 | 1 | 1 |

Fonte: Do autor (2017)



Percebe-se que a preferência dos meninos por cores ditas “de menina”, como a rosa, suscita críticas por parte dos colegas, correspondendo o que afirma Basow (1992). Para a autora, o homem/menino tende a sofrer repressão social caso fuja dos padrões e estereótipos sociais considerados adequados para o seu gênero.

As meninas, por sua vez, justificaram sua escolha pelo livro número 2 – “Pérola no parque”, uma delas disse “porque é colorido, eu também já li e é uma fada, porque eu gosto bastante de fada”, e outra justificou “porque ele tem um monte de estrelas, e tem uma fada”. Observa-se então que a personagem, as cores e as ilustrações foram elementos contribuintes para a escolha das meninas. Na paleta de cores predomina a cor rosa forte, com detalhes em amarelo, branco, roxo, verde e azul claro.

A escolha da maioria das meninas pelo livro com predominância da cor rosa pode indicar que elas estão socialmente condicionadas a esta cor, que lhes foi dada como sendo adequada ao seu gênero ao longo da história. Segundo Ambrose e Harris (2009) o rosa é uma cor quente, animada, divertida e feminina, além de possuir forte associação com o amor, romance e saúde. Como exposto nesta fundamentação bibliográfica, essa associação ao feminino instituiu-se culturalmente principalmente a partir dos anos 80, antes desse período não haviam distinções de cores para os gêneros. Contudo, apesar dos indícios culturais associarem a cor rosa ao feminino, não é possível precisar os motivos que levaram a maioria das meninas a escolher a obra com predominância dessa cor. Outros fatores podem estar associados, como fatores culturais, sociais e educacionais.

As ilustrações, por sua vez, possuem traços finos que expressam, de acordo com a linguagem visual, delicadeza. Os desenhos também fazem alusão ao “mundo das fadas”, representado por estrelas, varinhas e asas.

Quanto ao livro mais votado pelos meninos, o número 5 – “O livro do Rex”, as justificativas giraram em torno da temática (por conter dinossauros), e por ser engraçado (para os que já leram). Sob os aspectos do design, observa-se que o livro possui uma paleta de cores variada, contendo tons de amarelo (predominam), verde, azul, laranja e bordô. As ilustrações possuem dinossauros em diversas situações (no papo de uma cegonha, com uma lupa, no palco, voando, em forma de ossos, e com acessórios de natação), e são marcadas por traços irregulares, lembrando os desenhos manuais. Observa-se, portanto, que os meninos demonstraram preferência



pela obra mais colorida, sem indícios de diferenciação de gênero por cor ou forma, contudo, essa preferência pode estar relacionada também à temática do livro.

Por meio da entrevista, procurou-se conhecer um pouco mais do contexto social das crianças frente aos estereótipos de gênero, questionando-as acerca dos tipos de livros que mais gostavam (em pergunta aberta) e sua cor preferida.

Quanto aos tipos de livros, os meninos citaram: gibis, comédia, ação e terror. As meninas preferem comédia, aventura, gibi, quadrinhos, animais, contos de fadas e fábulas. Pôde-se observar que as meninas possuem preferências mais abrangentes no que diz respeito aos estereótipos de gênero, preferindo desde aventura aos contos de fadas. Já os meninos, tendem a preferir livros cuja temática esteja atrelada a atividades mais violentas, como ação e terror.

No que diz respeito às cores favoritas, foi permitido citar mais de uma cor por criança. As preferências citadas pelos meninos são: verde (3 vezes), azul (2 vezes), preto (2 vezes), e vermelho (1 vez). As meninas, por sua vez, citaram rosa (5 vezes), azul (3 vezes), roxo (1 vez), dourado (1 vez), preto (1 vez) e amarelo (1 vez).

Observa-se, portanto, que os meninos têm preferência por verde e azul, sendo essas cores socialmente relacionadas ao universo masculino (PAOLETTI, 2012). As meninas, no entanto, apresentaram favoritismo pela cor rosa que, segundo Ambrose e Harris (2009), está associada ao universo feminino. Porém, elas também apresentam simpatia pela cor azul, podendo-se observar que é mais natural para elas gostarem de uma cor associada aos meninos, do que o contrário.

Durante a entrevista, na discussão sobre como as cores podem influenciar nas questões de gênero, foi-lhes perguntado se achavam que existiam cores “de meninos” e cores “de meninas”, a maioria respondeu que não, mas foi possível ouvir alguns “sim”. Uma das meninas declarou: “eu acho que todas as cores são de menino e de menina, porque Deus deu a cor pra todo mundo né?”. Outro menino opinou: “eu acho que existe as cores de menino e menina, só que tem menino que gosta de cor de menina e tem menina que gosta de cor de menino”, no mesmo momento uma menina falou “assim como eu gosto de azul”.

Portanto, observa-se que a existência dessa separação por gênero pode estar convencionada, pois eles mesmo usam os termos “de menino” e “de menina” ao se explicarem e, ao mesmo tempo, entendem que todos podem gostar do que não lhes é associado, como “coisas” do outro gênero. Curiosamente, a discussão em grupo permitiu perceber também que seus estojos e mochilas estavam associados à

cultura dos gêneros, predominando azul e preto para os meninos, e rosa para as meninas. Quando questionados em relação a isso, as crianças não souberam explicar o porquê. Essas opções de escolha podem estar relacionadas a diversos fatores, como à influência de outras crianças, da família, gostos pessoais, convenções sociais e também à falta de diversidade nos produtos que consomem, sem que tenham outras opções de escolha.

Pela observação dos aspectos analisados, considera-se que as preferências das crianças do ensino público podem estar refletindo os estereótipos de gênero difundidos socialmente, não somente quanto aos livros infantis, mas por seus gostos pessoais e também em outros produtos consumidos por elas.

7.2 PESQUISA 2 – COLÉGIO CORAÇÃO FELIZ

A aplicação da pesquisa em instituição privada aconteceu no Colégio Coração Feliz, localizado no bairro Humaitá, em Tubarão/SC. Foram entrevistadas 16 crianças (8 meninos e 8 meninas), todos alunos do 4º ano do ensino fundamental, com idade entre 9 e 10 anos.

Foram apresentados seis livros (Fig. 4), pertencentes à biblioteca do colégio e selecionados pela professora e coordenadora pedagógica, considerando a frequência de locação pelas crianças, bem como a faixa etária adequada. Assim como na escola pública, eles foram numerados de um a seis, para facilitar a escolha das crianças.



Figura 2: Livros apresentados numerados de 1 a 3 (escola particular)
Fonte: Do autor



Os livros mais votados pelas crianças foram o número 2 – “O ciclista e o pantaneiro”, com sete votos, e o número 6 – “Viagem ao redor da lua”, com seis votos. Dentre os votos para o livro 2 – “O ciclista e o pantaneiro”, observa-se pouca diferença em relação aos votos de meninos e meninas, sendo de apenas um voto a mais para os meninos. O livro 6 – “Viagem ao redor da lua”, por sua vez, obteve mais votos das meninas, com uma diferença de dois votos (Tab. 2).

Tabela 2: Votos das crianças separados por gênero (escola particular)

| Título do livro | Meninos | Meninas | Total |
|---|---------|---------|-------|
| 1. Lolo Barnabé FURNARI, Eva. São Paulo: Moderna, 2000. | 1 | 0 | 1 |
| 2. O ciclista e o pantaneiro DREGUER, Ricardo. São Paulo: Moderna, 2009. | 4 | 3 | 7 |
| 3. A mulher que ganhava todas as coisas que tinha AHLBERG, Allan. São Paulo: Salamandra, 2005. | 0 | 1 | 1 |
| 4. Os dragões de Terra Azul VILELA, Mario. São Paulo: Salamandra, 2004. | 1 | 0 | 1 |
| 5. Fadinha Aninha: Trapalhada Mágica RYAN, Margaret. Curitiba: Fundamento, 2008. | 0 | 0 | 0 |
| 6. Viagem ao redor da lua VERNE, Julio. São Paulo: Rideel, 1988. | 2 | 4 | 6 |

Fonte: Do autor

As meninas justificaram a escolha pelo livro 2 – “O ciclista e o pantaneiro” principalmente pelo tema, fazendo associação com aventura, uma delas disse: “porque pareceu aventureiro e eu já fui pro Pantanal e já vi essas coisas”, outra declarou “eu achei interessante”, mas não soube explicar o porquê. Dos meninos, dois disseram ter escolhido por ser “bem colorido, bem alegre”, outro escolheu pelos animais na capa, e outro pela bicicleta: “porque eu gosto de *bike*”.

O livro 2 – “O ciclista e o pantaneiro”, possui uma paleta de cores bem diversa, com predominância das cores amarela, vermelha e verde, além dos detalhes em azul, roxo, laranja, rosa, preto e branco. As ilustrações retratam elementos da natureza, animais, e objetos como a bicicleta, citada pelas crianças. Esse aspecto “divertido” citado pelas crianças se dá, além das cores, pela construção da capa que



utilizou recursos de colagem, misturando ilustrações, fotografia e diferentes letras na formação do título.

A escolha do livro 6 – “A viagem ao redor da lua”, foi justificada por ambos (meninos e meninas) referenciando a temática de universo, alguns disseram que gostam de histórias do planeta, outros que o assunto interessou e, uma menina disse: “porque mostra a imagem da lua e eu gosto dessas coisas”.

Observa-se que esta capa possui uma paleta de cores mais sóbria, variando entre o azul escuro, o azul claro, o preto, marrom e amarelo escuro. Com detalhes em vermelho, amarelo e branco. As formas e linhas remetem a traços irregulares, formando uma ilustração sem precisão no preenchimento das cores e na execução dos traços.

Da mesma maneira realizada na escola pública, a entrevista em grupo buscou conhecer um pouco mais do contexto social em que as crianças estão inseridas, e se são influenciadas por estereótipos de gênero. Dessa forma, foi-lhes questionado com perguntas abertas, sobre os tipos de livros que mais gostam e suas cores preferidas.

Quanto aos tipos de livros, os meninos citaram: ação, terror, passatempo, brincadeiras e heróis, como sendo os mais preferidos. Desses, o tema ação foi o mais citado, com quatro menções dentre os oito meninos presentes. As meninas indicaram ficção, aventura, quadrinhos, romance, ação e comédia como seus temas preferidos, sendo a aventura o mais citado (seis menções entre as oito meninas presentes). Sendo assim, observa-se que meninos e meninas da instituição particular possuem preferências próximas quanto aos tipos de livros.

Quanto às cores preferidas, foi permitido que cada criança citasse mais de uma cor. As preferências mencionadas pelos meninos são: azul (2 vezes), vermelho (2 vezes), preto (1 vez), roxo (1 vez) e amarelo (1 vez). As meninas, citaram verde água/menta (4 vezes), rosa (2 vezes), vinho (1 vez), neon (1 vez) e preto (1 vez).

O livro 5 – “Fadinha Aninha: trapalhada mágica” não obteve nenhum voto, frente a isso, foi-lhes pedido que explicassem o porquê. As meninas disseram frases como: “não parece interessante”, “eu achei meio esquisito o desenho”, “eu achei muito delicadinho”. Aos meninos, foi perguntado se achavam que o livro parecia ser de menina, vários disseram ao mesmo tempo “não”, em seguida outro se manifestou: “aham, sei”, demonstrando desconfianças diante das respostas dos colegas. Eles seguiram justificando: “só o nome é de menina”, “não gostei do desenho da frente”,



“pode até parecer (ser de menina), mas menino pode ler também” e outro comentou, “tem um filme que o homem é uma fada”.

Constata-se que, diferentemente da escola pública, as crianças da instituição particular pesquisada possuem preferências mais diversas diante da percepção visual dos livros, de seus temas, bem como suas preferências pessoais. A maioria das meninas declarou sua preferência por histórias de aventura, e seu favoritismo pela cor verde, ainda que 25% das meninas demonstraram preferência pela cor rosa. Logo, observa-se que elas são mais abertas à temas relacionados aos meninos do que o contrário. Exemplo disso, um menino escreveu referindo-se às suas cores preferidas “todas menos roxo e rosa”, demonstrando sua aversão às cores ditas como “femininas”, como citado anteriormente.

Assim sendo, observam-se diferenças entre as crianças das duas escolas, pública e particular, o que pode ser um indício da maneira como o contexto social pode influenciá-las. Além disso, não é possível informar exatamente quais razões levam às preferências das crianças, pois esses motivos estão além do que os objetos de design podem informar. Contudo, enquanto atuantes na sociedade, os estereótipos de gênero também podem estar presentes nos produtos de design, como resultado e reflexo de comportamentos sociais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a importância da atuação social do designer e a influência dos livros infantis no desenvolvimento das crianças, esta pesquisa objetivou verificar como o design de livros infantis pode influenciar na construção de estereótipos de gênero por meio de aspectos da linguagem visual, como cores e formas. Para isso, a pesquisa de campo foi de extrema importância para que se chegasse aos dados obtidos.

Concluiu-se então, por meio dos dados obtidos, que os produtos editoriais possuem aspectos que podem influenciar na escolha das crianças de acordo com a segmentação de gênero. No entanto, outros fatores podem estar relacionados a essas preferências, principalmente culturais, econômicos, sociais, educacionais e familiares, sendo o design apenas um reflexo desses fatores. O design funciona como “um discurso, e como tal espelha a condição cultural na qual e para a qual foi concebido ao mesmo tempo em que contribui para produzir, realimentar ou transformar esta mesma condição cultural” (VILLAS-BOAS, 2009, p. 21).



Portanto, as preferências das crianças apresentam-se como consequência do contexto cultural ao qual elas estão inseridas, permitindo observar diferenças significativas nos resultados das duas instituições pública e particular. As crianças da instituição pública demonstraram tendência a adequarem-se aos aspectos que caracterizam estereótipos de gênero por meio dos livros. Por sua vez, as crianças da escola particular apresentaram preferências divergentes aos padrões estabelecidos pela sociedade quanto aos gêneros, escolhendo obras coloridas e sem indício de segmentação por gênero.

Sendo o livro de literatura – neste caso utilizado como apoio em sala de aula – produto da indústria editorial, observa-se que o mercado de livros infantis, em sua maioria, procura atender às demandas comerciais, considerando comportamentos e características sociais do seu público-alvo, as crianças. Por sua vez, as crianças podem estar apenas repetindo esses padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade. Logo, o design se encontra entre os limites do social e do comercial.

Por isso, o design pode ser explorado em seu aspecto social, a fim de atuar como fator colaborativo para transformação do cenário atual, não somente nas questões de gênero, mas como em outras questões de cunho social. De acordo com Eskilson (2007), o designer socialmente responsável, é o profissional que tenta tratar de questões sociais por meio de seu trabalho comercial, ou além dele. Sendo assim, o designer enquanto profissional responsável pelo desenvolvimento do projeto gráfico de livros, por exemplo, pode buscar o equilíbrio entre as questões sociais e comerciais em sua atuação profissional, a fim de confrontar essas clivagens de gênero que foram socialmente instituídas, exercendo assim o seu papel social. Por que não desenvolver livros que não sejam direcionados aos meninos ou às meninas, e sim à todas as crianças, independente do gênero?

Os estereótipos de gênero também funcionam como um obstáculo para as possibilidades que meninos e meninas podem alcançar no futuro, limitando-as a ser e exercer papéis estabelecidos pela sociedade. Que consequências serão obtidas com esses limites? Enquanto indivíduos e profissionais, não estamos colaborando para que esses estereótipos sejam ainda mais evidentes nos produtos para crianças? Quais valores estão implícitos nesses produtos que refletirão em suas atitudes no futuro? Por isso a importância de atentar-se ao desenvolvimento de produtos



destinados às crianças, que traduzam valores de igualdade, sem diferenciações de gênero e, que sejam, no caso deste estudo, livros para todas as crianças.

Sabe-se, portanto, que são necessárias diversas ações em outras áreas além do design para buscar a transformação social quanto às relações de gênero – como a educação, a família, a publicidade – contudo, é preciso que não se esqueça dessa necessidade e, que sejam praticadas ações em todas as áreas possíveis para transformar atitudes discriminatórias em igualitárias e respeitadas. Salienta-se, portanto, que desenvolver produtos para meninos e meninas, de acordo com suas preferências, não está errado. O problema reside nas razões dessas diferenciações e as consequências que elas terão. Desenvolver livros em que os super-heróis são sempre figuras masculinas, por exemplo, pode-se estar dizendo às meninas que elas não podem ocupar este lugar, e vice-versa.

Além dos objetivos iniciais, esta pesquisa constatou também que existe na indústria e no desenvolvimento de produtos infantis, diferenciação de gênero, como por exemplo, os materiais escolares, além, ainda, da influência de outros fatores sociais na construção desses estereótipos. Diante disso, esta pesquisa pode contribuir como ponto de partida para outras, a fim de investigar e aprofundar os estudos acerca dos estereótipos de gênero existentes em outros produtos de design, além de averiguar que outros fatores motivam e influenciam essas construções sociais e de que forma essa reflexão poderia ser estimulada nesses meios.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Design básico cor**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil**: origens, visões da infância e certos traços populares. Cadernos do Aplicação. Volume 14 Número ½. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jan/Fev 2001. Disponível em:
<<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-infantil.pdf>>
Acesso em: 09 set. 2017.

BASOW, Susan A. **Gender, Stereotypes and Roles**. 3. ed. Califórnia: Brooks/Cole Publishing Company, 1992. 447 p.



BRAGA, Marcos da Costa (Org.). **O Papel Social do Design Gráfico**. 1a Ed. São Paulo. Editora Senac. 2011.

CARDONA, M.; NOGUEIRA, C; VIEIRA, C; UVA, M.; TAVARES, T. **Guião de educação género e cidadania - pré- escolar**. Lisboa: CIG, 2015. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/10/398_15_Guiao_Pre_escolar.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

CAVICCHIA, D. C. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida**. In: Caderno de formação: educação infantil: princípios e fundamentos. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.13-27.

CONNELL, Raewyn. PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução da 3.ed e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.
DAROS, T.M.V. **Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil**. Revista Práticas de Linguagem, v. 03, p. 172-186, 2013.

DIAS, C. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Informação Sociedade, v. 10, n.2, 2000.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
ESKILSON, Stephen J. **Graphic Design: A new History**. Londres: Laurence King Publishing, 2007.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
FRASCARA, Jorge. **Diseño grafico para la gente**. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2000.

CENTRO LATINO AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS.
Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf> Acesso em: 05 nov. 2017.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto**: Sistema de Leitura Visual da Forma. 9. ed. São Paulo: Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2000. v. 1. 127p.



HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LINS, Beatriz A.; MACHADO, Bernardo F.; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MARCHÃO, A.; BENTO, A. **Promoção da igualdade de gênero: um estudo em contexto de educação pré-escolar**. Portalegre, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4117/1/Amelia%20March%C3%A3o_Alexandra%20Bento.pdf> Acesso em: 20 ago. 2017.

MIRANDA, Patrícia. **A construção social das identidades de gênero nas crianças: um estudo intensivo em Viseu**. In: VI Congresso Português de Sociologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

NEVES, Flávia de Barros. **Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico**. In: Marcos da Costa Braga. (Org.). O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011, v., p. 45-63.

PAOLETTI, Jo B. **Pink and Blue: Telling the Boys from the Girls in America**. Indiana University Press: 2012.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RABELO, Amanda Oliveira. **Contribuições dos Estudos de Gênero às Investigações que Enfocam a Masculinidade**. Ex aequo, Vila Franca de Xira, n. 21, p. 161-176, 2010.

RAMOS, Oswaldo Alcanfor; WITTER, Geraldina Porto. **Influência das cores na motivação para leitura das obras de literatura infantil**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a04.pdf>> Acesso em: 09 set. 2017.



RAPPAPORT, C. R. Modelo piagetiano. In: RAPPAPORT; FIORI; DAVIS. **Teorias do Desenvolvimento**: conceitos fundamentais - Vol. 1. EPU, 1981. p. 51-75.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis, 2005.

VILLAS-BOAS, André. **Identidade e Cultura**. Teresópolis: 2AB, 2009.

_____. **O que é [e o que nunca foi] design gráfico**. Rio de Janeiro: 2AB, 2007.